



## **DOBRO A ESQUINA E JÁ SOU OUTRO QUEM CAMINHA: ANÁLISE DE INSCRIÇÕES NAS PAREDES E MUROS DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA NO NORTE DO TOCANTINS**

*I DOUBLE THE CORNER AND I AM ALREADY ANOTHER WHO WALKS:  
ANALYSIS OF INSCRIPTIONS IN THE WALLS OF A PUBLIC UNIVERSITY IN THE  
NORTH OF TOCANTINS*

*DOBRO LA ESQUINA Y YA SOY OTRO QUIEN CAMINO: ANÁLISIS DE  
INSCRIPCIONES EN LAS PAREDES Y MUROS DE UNA UNIVERSIDAD PÚBLICA  
EN EL NORTE DEL TOCANTINS*

**Luiza Helena Oliveira da Silva**

Universidade Federal do Tocantins (UFT)

[luiza.to@uft.edu.br](mailto:luiza.to@uft.edu.br)

**Márcio Araújo de Melo**

Universidade Federal do Tocantins (UFT)

[marciodemelo@uft.edu.br](mailto:marciodemelo@uft.edu.br)

---

**RESUMO:** Este trabalho analisa formas de ocupação simbólica do espaço pela palavra. Para isso, toma como objeto de análise inscrições num dos espaços de convivência do câmpus de Araguaína, da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Partimos do pressuposto de que, considerando a totalidade do câmpus, esse espaço se singulariza tanto pela ocupação por parte de um segmento particular dos estudantes e seu modo de frequência, quanto pela natureza dos textos que ali se inscrevem e se juntam sobre suportes diversos, ambos concorrendo para circunscrever um território bem demarcado, enquanto lugar de luta, organização e voz dos alunos. Os dados analisados compõem-se, assim, de inscrições, pichações e pequenos cartazes feitos à mão. Além dos temas e implicações ideológicas imediatamente emergentes das frases ali inscritas, o trabalho discorre sobre questões identitárias, relações de conflito e negociação nas tensões entre espaço público/privado, considerando a emergência de discursos de resistência e combate, bem como da apropriação do dizer alheio. Como fundamentação teórica, mobilizamos a semiótica discursiva, privilegiando o nível compreendido como semântica discursiva, que envolve processos de tematização e figurativização, além de estudos interdisciplinares da semiótica do espaço.

**Palavras-chave:** discurso político; semiótica do espaço; corpo; lirismo público.

---

**ABSTRACT:** This paper analyzes ways of symbolic occupation of the space by the word. To do so, it takes as an object of analysis inscriptions in one of the coexistence spaces of the Araguaína's Campus in the Federal University of Tocantins (UFT). We start from the assumption that, considering the totality of the campus, this space is singularized both by the occupation as a particular segment of the students and their way of attendance, and as the nature of the texts that are inscribed there and are

gathered on different supports, either competing to circumscribe a well-delimited territory, as a place of struggle, organization and voice of students. The analyzed data are thus composed of inscriptions, graffiti and small handmade posters. In addition to the themes and immediate ideological implications of the phrases contained therein, the paper addresses identity issues, conflict and negotiation relations in the tensions between public / private space, considering the emergence of resistance and combat discourses, as well as the appropriation of the discourses of others. As a theoretical basis, we mobilize discursive semiotics, electing the level understood as discursive semantics, which involves thematic and figurative processes, besides interdisciplinary studies of semiotics of the space.

**Keywords:** political discourse; space semiotics; body; public lyricism.

**RESUMEN:** Este trabajo hace un análisis de formas de ocupación simbólica del espacio por la palabra. Para eso, toma como objeto de análisis inscripciones en uno de los espacios de convivencia del campus de Araguaína, de la Universidade Federal do Tocantins (UFT). Partimos del presupuesto de que, considerando a la totalidad del campus, ese espacio se singulariza tanto pela ocupación por parte de un segmento particular de los estudiantes y su modo de ocupar al sitio, cuanto por la naturaleza de los textos que allí se inscriben y se juntan sobre soportes diversos, los dos concurriendo para circunscribir un territorio bien demarcado, como lugar de lucha, organización y voz de los alumnos. Los datos analizados se componen, por lo tanto, de inscripciones, pinturas y pequeños carteles hechos a la mano. Además de los temas e implicaciones ideológicas inmediatamente emergentes de las frases allí inscriptas, el trabajo discurre cuestiones de identidad, relaciones de conflicto y negociación en las tensiones entre espacio público/privado, considerando el surgimiento de discursos de resistencia y combate, así como de la apropiación del decir ajeno. Como marco teórico, se parte de la semiótica discursiva, privilegiando el nivel comprendido como semántica discursiva, que involucra procesos de tematización y figurativización, además de estudios interdisciplinarios de la semiótica del espacio.

**Palabras clave:** discurso político; semiótica del espacio; cuerpo; lirismo público.

## Considerações iniciais

Há alguns anos, as pesquisas que empreendemos relacionam-se à leitura no espaço escolar, às complexidades relativas ao modo como os sujeitos atribuem sentido aos textos e às possibilidades e interdições advindas de projetos, metodologias, perspectivas teóricas que se voltam para a formação de leitores. Neste trabalho, nossas inquietações se inscrevem numa espécie de fronteira, entre o mais propriamente interno ao escolar (aqui mais especificamente considerado o espaço universitário) e o que em princípio o atravessa como uma exterioridade, na medida em que selecionamos inscrições que ocupam não os livros, cadernos ou quadro-negro de salas de aula, mas paredes externas, mais precisamente, pequenos muros e colunas de um espaço de convivência de um câmpus de uma universidade pública situado na região Norte do país. A questão é ainda a leitura, o espaço é o da academia, mas já não se trata mais de uma considerar práxis nos moldes de um uso propriamente escolarizado, no sentido de que

atenda a objetivos e práticas habituais circunscritos à relação ensino-aprendizagem, ainda que fique clara uma ação que envolve um saber não formal (mesmo que dentro de uma instituição de ensino), visto que as inscrições são de certo modo de uma outra ordem de formação em processo. Pensemos a esse respeito no poema, *Primeira lição*, de Lêdo Ivo (2004) em que as lições estão “pichadas” nos muros da cidade e da vida, quando “Um dia no muro/ Ivo viu o mundo/ a lição da plebe”. Além disso, também nos interessa essa escritura de caráter mais marginal, em estilo fragmentário com poder de contundência e ruptura, indo da palavra de ordem na sua dimensão mais pragmática a uma fala mais lírica, na tensão entre individualidade e coletividade, na conjunção entre o poético e o político.

Os textos que nos interessam não são, portanto, aqueles que propriamente circulam nas salas de aula, como objeto de ensino, servindo aos interesses da escolarização ou do letramento científico dos alunos. Primeiro, porque são os alunos que os produzem ou reproduzem mediante mecanismos diversos de citação (quase sempre em uma ação de apropriação e deslocamento literário), a partir de seus interesses de expressão individual/coletiva. Depois, porque encontram um outro modo de inscrição que os aproxima de outras formas de escritura, aquela que frequenta muros das cidades ou páginas de redes sociais que ecoam o dizer em outros circuitos, atrás da sedução de outros sujeitos e que denominamos como produtos do *lirismo urbano* ou *lirismo público*. A leitura encontra, assim, o espaço aberto, longe da práxis individual ou do silêncio do claustro, da calma e do sossego de um leitor em torre de marfim (MANGUEL, 2017; SILVA, 2017), à cata de sujeitos imprevisíveis, que podem, após o encontro inesperado, se tornarem outros, atravessados pela contundência da palavra, como efeito de um acidente feliz, para nos reportarmos aqui à perspectiva do acontecimento estético em Greimas (2002).

Não se pode dizer que se trate de uma manifestação inédita, na medida em que rasuras nas paredes das instituições de ensino são práticas antigas. Propomo-nos a considerar, nesse sentido, não apenas os textos, mas olhar o modo de ocupação de um espaço específico que se traduz também pela posse da palavra, para isso levando em conta a perspectiva de uma territorialidade em que se obscurecem os limites entre o público e o privado, o coletivo e o individual. São aqui compreendidos como textos, mas também como práticas, no sentido conferido por Landowski (2004). São textos que participam de práticas de luta, resistência, denúncia, afronta, ainda que alguns poucos possam ser lidos apenas como mera gratuidade do exercício individual de dizer qualquer coisa sem maiores comprometimentos, como também ocorre nos usos das redes sociais. No sentido de prática, os textos-objeto se apresentam sob a

égide de uma práxis política, de um fazer que tem sentido tanto para conferir contornos à identidade político-ideológica de um grupo que ali se organiza, como ainda para os de fora, os que deverão ser seduzidos e impactados pelo discurso, mediante a leitura-acontecimento.

O trabalho se organiza em duas etapas. Na primeira, discutimos o lugar onde se encena essa prática de escritura; na segunda, as inscrições propriamente ditas, a partir de alguns recortes que evidenciariam a multiplicidade de modos de dizer e fazer ser pelo texto. Em ambas, consideramos a dimensão dos sujeitos ocupantes/autores e a dimensão das práticas que são múltiplas: ler, escrever, ocupar, transitar, interditar, compartilhar, reunir...

Como subsídios teóricos, mobilizamos trabalhos da sociossemiótica, da semiótica do espaço e da teoria literária.

### O (des)limites do lugar

Inicialmente, consideremos que nos interessa como objeto um espaço específico, o de uma das edificações de uma universidade pública, a qual, como todas as instituições do gênero, conta com a ocupação e o trânsito de servidores, alunos, eventuais membros externos, o que confere para ali se reconhecer uma comunidade particular, ainda que com graus de abertura para a presença de outros não inicialmente previstos.

Elegendo a perspectiva do espaço, consideremos o câmpus universitário como um território que abriga pequenas territorialidades, dentre as quais se situa a que elegemos como objeto de reflexão, um dos dois espaços de convivência do câmpus de Araguaína, da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Unidade Cimba. Como há dois espaços de convivência com formatos idênticos na mesma unidade, denominaremos doravante o que elegemos como objeto de análise como espaço 1 (E1), contraposto ao outro (E2), eventualmente mencionado.

Como espaço delimitado pelo traçado da edificação, a ausência de paredes faz com que se constitua na tensão entre *permanência* dos frequentadores mais assíduos que emprestam a esse lugar uma identidade particular e a *mobilidade* não interdita a outros que o cruzam dirigindo-se às demais localidades.

Conforme Fontanille (2014), ao abordar diferentes concepções de território, independentemente da acepção que ganhe o termo, território implica sempre a existência de fronteiras de natureza política ou limites naturais. Mas se essa zona se conforma à identificação da existência de contornos precisos, por obra do dado ou do construído, é também próprio da dinâmica territorial que haja deslocamentos que redefinam o território, o

que incide com frequência tanto para a existência de tensões e confrontos quanto para as experiências de troca e negociação no âmbito fronteiriço.

Em E1, o território é conformado mais pelo uso, pelas práticas particulares que ali têm lugar do que propriamente pelo traçado da edificação. Servindo enquanto projeto para abrigar indistintamente os sujeitos do câmpus, em diferentes papéis actoriais (aluno, professor, coordenador, técnico, segurança, trabalhador de serviços gerais, pedreiros etc.), foi aos poucos sendo ocupado por alunos vinculados ao movimento estudantil, ainda que se deva pensar na não homogeneidade desse grupo, composto por diferentes segmentos a partir de suas propostas políticas, mais ou menos afinadas a partidos políticos, projetos sociais ou setores da reitoria.

Ao tomarem “posse” desse território pela sua frequência e pelas inscrições que lhes dão identidade, foram demarcando aos poucos uma zona de pertencimento e também de conflito, porque se tornou um espaço de disputa entre os de dentro e os de fora, ainda que dentro e fora não impliquem a existência de paredes ou muros no entorno, ou regras explícitas para quem nele se instala ou o atravessa. No momento mais crítico de confronto entre os diferentes atores, no segundo semestre de 2016, os de dentro foram os principais responsáveis pela interdição do acesso à toda Unidade Universitária, quando a liderança estudantil aquartelada elegeu como principal razão de luta para justificar a ocupação a criação de um restaurante universitário na Unidade Cimba<sup>1</sup>. Houve, assim, temporariamente, uma apropriação de todo o território, como estratégia de luta e negociação com a reitoria da UFT e direção do câmpus, momento também em que alguns professores, em apoio ao movimento, ofertaram suas aulas/oficinas nos espaços abertos da área de convivência, enquanto outros docentes e acadêmicos indignados com a interdição pressionavam a direção e a reitoria pela abertura dos portões.

A permanência dos sujeitos atende ao que foi previsto pelo projeto de construção do câmpus responsável pela edificação dos dois denominados *espaços de convivência* e, nesse caso, corresponde a uma programação que previu distinções identitárias para as instalações frente a seus usos e modos de ocupação. Não se trata, porém, de uma permanência caracterizada pelo *dever* dos horários fixados ou do fazer predefinidos, como nos demais espaços de estudo e trabalho, mas de uma permanência pelo *querer* estar quase que sempre com o outro, ou disponível para estar com o outro que, em princípio, pode ser qualquer um.

---

<sup>1</sup> Até 2017, o Restaurante Universitário (RU) estava unicamente instalado na outra Unidade, a da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia, situada numa fazenda, cerca de 10 quilômetros da Unidade Cimba.

Nesse sentido, abre-se mais à deriva de uma interação imprevista, acidental, não regulada e, por isso mesmo, mais significativa para os sujeitos (LANDOWSKI, 2014). Deve-se ressaltar ainda que, embora a estrutura física seja praticamente idêntica para E1 e E2, apenas em E1 há acesso à rede Wifi, o que certamente pode ser determinante para a maior permanência de alunos.

Na medida, porém, em que os sujeitos que ali se reúnem vão configurando a identidade de um grupo, o espaço parece enovela-se sobre si mesmo, caminhando da abertura e de uma deriva absoluta para o fechamento de uma presença mais previsível, como lugar de um “nós” identitário, como “suporte de projeção de uma identidade cultural e de um pertencimento simbólico” (FONTANILLE, 2014, p. 11). Nesse sentido, recorreremos à metáfora do *espaço-voluta* (LANDOWSKI, 2015), para considerar a dinâmica das interações constituídas sobretudo pela sensibilidade: o regime do *ajustamento*. Conforme o sociosssemiotista, o regime de interação do ajustamento que resulta na isotopia espacial da *voluta* (ou do entrelaçamento) consiste no

tipo de coordenação dinâmica que articula o *fazer junto*, ao mesmo tempo concomitante e recíproco, de dois ou mais parceiros (ou adversários) em movimento, onde cada um sente o sentir do outro (ou dos outros) mediante uma relação direta, corpo a corpo, e partilha (por contágio) suas emoções, seu ritmo, sua *hexis* mesma. (LANDOWSKI, 2015, p. 20-21).

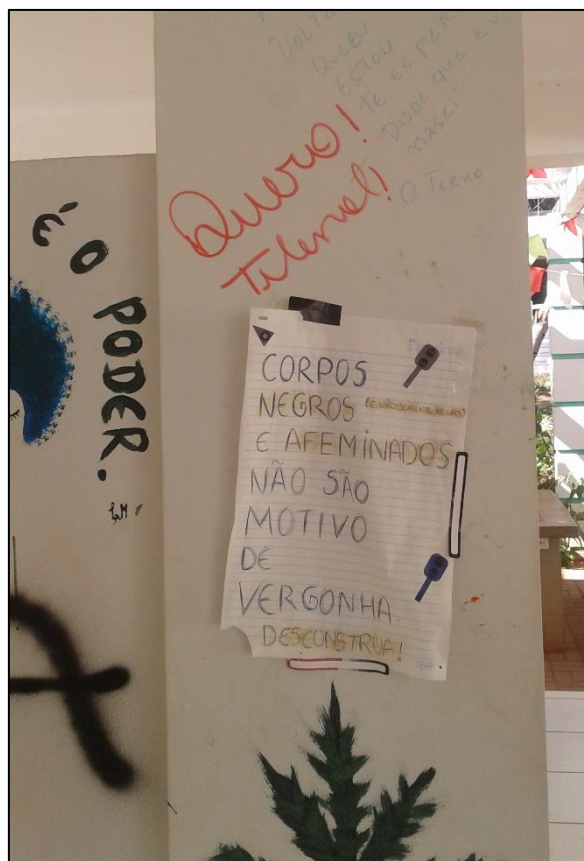
Considerando a perspectiva propriamente espacial, esse entrelaçamento ou enovelamento lembra uma forma genérica que pode ser reconhecida em desenhos diversos, nas espirais esculpidas nas pedras nas colunas dos tempos gregos, no desenho que resulta do movimento da batuta de um maestro ou nos rodopios aéreos de um bando de andorinhas (LANDOWSKI, 2015). Em todas as imagens trazidas pelo teórico, o que se apresenta é a imagem da forma circular que mantém, simultaneamente, o anúncio de um movimento. Acreditamos que o espaço que analisamos se conforme à noção do *espaço-voluta* não propriamente pela conformação do edifício, mas pelo modo como, enquanto espaço praticado, os sujeitos lhe conferem sentidos e forma específica, agregando corpos que se aproximam, estudam e trabalham juntos, que dançam nas tardes ensolaradas e que se enroscam em manifestações de amor e amizade, o que serve inclusive para escândalo de alguns observadores.

Para a permanência dessa conformação feérica, pensada a estaticidade aqui mais em termos de uma parada temporária, coopera a justaposição das mesas e bancos de alvenaria,

com plugues para acesso à energia elétrica que servem aos notebooks, recarregar celulares e aparelhos de som, o que possibilitou tornar-se lugar de estudo individual ou em grupo, lugar de encontro para planejamento de atividades e projetos, como também local para abrigar pequenos eventos culturais, festas noturnas ou usado apenas ouvir música enquanto conversam em pequenos grupos.

Constitui-se, assim, por uma dinâmica de práticas mais plurais, fugindo às formalidades e controle de funcionamento das salas de aula, laboratórios ou bibliotecas, inclusive pela localização de E1, afastado do portão principal de acesso ao Câmpus, dos blocos de sala de aula e da sua “autonomia” espacial: não é anexo aos demais prédios. Essas práticas a que aludimos não são, contudo, totalmente à deriva, porque respondem aos interesses dos segmentos de frequência regular, como a do *Coletivo Flor de Pequi*, que ali se reúne para discussão e estudo sobre problemas relacionados a questões de gênero e ao planejamento de eventos LGBT. Além das práticas relativas a interesses de ordem pragmática (estudar, planejar ações políticas etc.), podemos falar ainda de práticas que envolvem a dimensão dos afetos que põem não só as mentes, como também os corpos em relação. O corpo, aliás, é uma das principais temáticas das inscrições: o corpo homossexual, o corpo negro, o corpo da mulher.

Fig. 1



Inscrição em folha pautada de caderno, sobre uma das colunas do espaço de convivência da Unidade Cimba (UFT). (Foto de XXX, 2017)

Na Fig. 1, por exemplo, um pequeno cartaz feito com folha pautada de caderno, letras em caixa alta trazem a frase: “Corpos negros (e não somente negros) e afeminados não são motivo de vergonha. Desconstrua!”. Sem uma assinatura, como quase todos os textos que aí se inscrevem, a frase parece dirigir-se para os “de fora” do grupo, na medida em que os de dentro já deveriam hipoteticamente ter desconstruído o preconceito. Ao mesmo tempo, atesta a presença ali de corpos negros e não negros, bem como de corpos “afeminados” que se reúnem por efeito da identidade e na busca de formas de resistência e de luta. Para além da escrita em caixa alta que compõe toda a escrita, há destaque (semelhante ao realce de marca-texto) de algumas palavras: “negros”; “(e não somente negros)”; “afeminados”, “desconstrua!”. As duas estratégias de realces sobretudo a sobreposição de uma cor sobre a outra, acabam conduzindo a leitura do transeunte. Por outro lado, pode-se observar a frase “(e não somente negros)”, que parece ter sido acrescida depois, possivelmente por um segundo

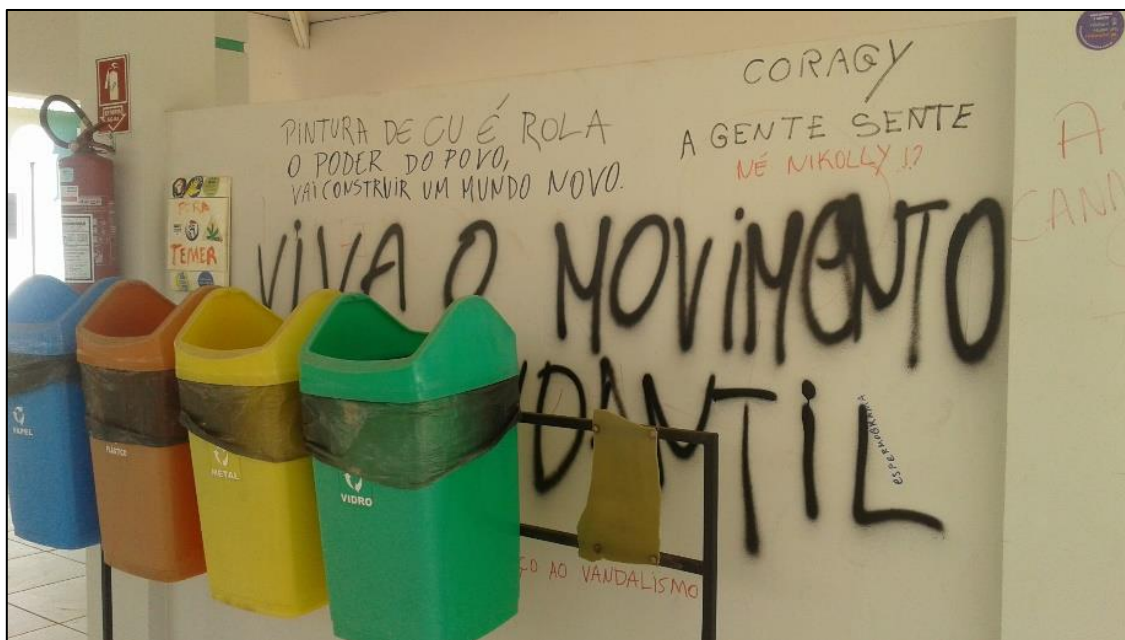


autor, tendo em vista sua dimensão no espaço do papel, bem como o uso dos parênteses. Sendo possível tomar o cartaz como metáfora desse espaço, há aí uma lógica da inclusão, conscientização e resistência. Há nesse espaço a sobreposição de vozes, que apontam para um possível debate, que se abre no entrecruzar de vozes que concordam ou, em hipótese, podem destoar. Configura-se como um espaço feito de possíveis parênteses que marcam uma posição sobre o dito.

Diferentemente da outra área de convivência do mesmo câmpus (E2), E1 encontra-se mais à sombra (questão central para um espaço tão aberto, numa cidade com altas temperaturas durante todo o ano) e ainda protegida pelos prédios que o circundam, produzindo efeito de maior fechamento que a outra área, situada ao lado da cantina.

Enquanto o desenho da edificação, idêntico para os dois espaços de convivência, corrobora para a estaticidade do lugar – para o que coopera ainda a presença de mesas e bancos de concreto chumbados ao chão – a ocupação define a mobilidade. Assim, em E1, observa-se uma constante transformação do lugar tanto pelas inscrições como pelos ornamentos ou presença de instalações.

Fig. 2

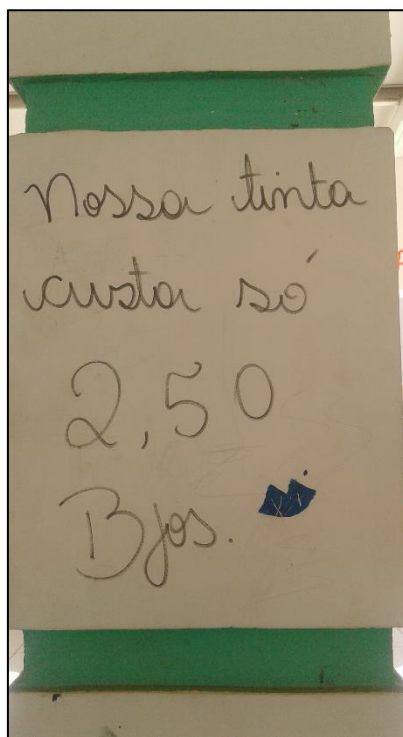


Inscrições diversas sobre a meia-parede atrás das latas de lixo.  
(Foto de xxx, 2017)

Com relação às inscrições, essas foram em alguns momentos apagadas por nova camada de tinta, por obra da administração do câmpus, atendendo às críticas que leem as

escrituras como sinônimas de vandalismo. Uma medida para constranger a escrita pode ser vista ao se colocarem latas de lixo em frente a um dos locais preferidos para a pichação (Fig. 2). Já na Fig. 3, encontramos o “recado” para a administração, explicitando que seriam inglórias as tentativas de apagamento das frases e desenhos. A disputa entra no campo do pecuniário, quando o “recado” rebate o discurso higienizador, a reclamação e o apelo por parte da administração diante do alto custo na repintura de E1. Essa disputa não esteve apenas nas paredes desse espaço, mas alcançou instâncias deliberativas do Câmpus como, por exemplo, o Conselho Diretor do Câmpus, principal instância deliberativa e colegiada<sup>2</sup>.

Fig. 3



Inscrição com pincel para quadro branco sobre coluna de E1  
(Foto de XXX, 2017)

Desse modo, esse território enquanto espaço vivido e praticado, vai se modificando em função dos sujeitos ocupantes-praticantes. Para dar um outro exemplo, em junho de 2017, por ocasião das comemorações juninas no Câmpus, o espaço do pergolado ganhou os ornamentos das bandeirinhas (Fig. 4). Em 2016, E1 abrigou uma instalação relacionada a um evento

<sup>2</sup> Ele é a instância maior de deliberação do Câmpus, compondo-se de todos coordenadores de curso de graduação e pós-graduação e de vários representantes dos segmentos de todas as unidades: servidores técnicos, professores, estudantes.

LGBT, que se estendeu para além do espaço coberto e pergolado e chegou à sombra das árvores. Sob as árvores, hoje mortas, postaram-se cartazes, cangas coloridas, objetos e enfeites diversos. A fronteira, assim, avança e recua, em função do modo como os sujeitos fazem significar o lugar, espécie de lar mais coletivo, provisório, plural e dinâmico. Nesse sentido, as inscrições avançam sobre os prédios vizinhos, como uma em que se pergunta a respeito do RU, grafada no bloco que hoje abriga uma extensão do restaurante ou a frase “Todo poder ao povo preto”, atravessando toda a lateral de um prédio dos laboratórios.

Fig. 4



Bandeirinhas ao vento, no segmento do pergolado em E1. Na inscrição na coluna superior, a crítica política: “O golpe é contra a educação. Tememos jamais”.

(Foto de xxxx, 2017)

### Os (des)limites do verbo

No poema de Lêdo Ivo (2004) a que já aludimos, *Primeira Lição*, o poeta se põe a brincar com as frases comuns às cartilhas tradicionais usadas para ensinar a ler, ou a decodificar a escrita, repetindo as frases para quem aprenderia palavras com a letra V. A primeira lição, no caso, seria a da leitura da cartilha (Ivo viu a Eva? Ivo viu a uva? Ivo viu o ovo?) ou a que Ivo vê no muro, na “lição da plebe”?

O poema traz uma narrativa que mostra um sujeito em transformação, aprendendo a ler, a amar, mas também a ler o mundo e a ver o povo (SILVA e MELO, 2015). Nessa perspectiva narrativa, a cada texto, a cada leitura, Ivo se apresenta como um outro sujeito e é

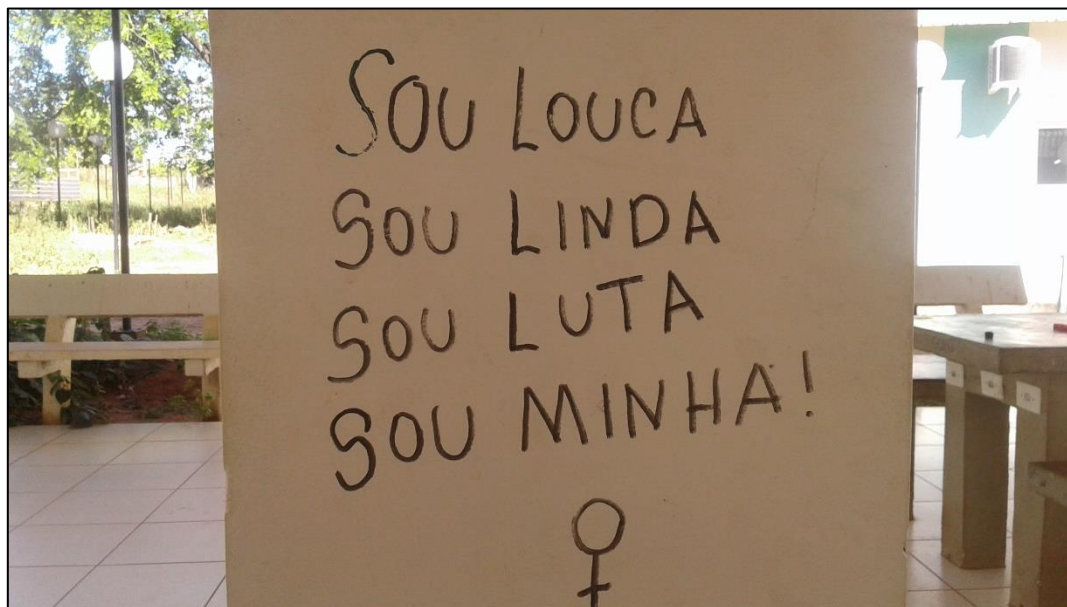
essa dimensão de transformação pela ação da palavra que parece informar aqui os que resistem no verbo, no texto, na frase, pichada nos muros das ruas ou das universidades: a intenção é agir sobre o outro, para encantar, seduzir, quiçá transformar o mundo.

Conforme a frase grafada num muro e de autoria anônima de que nos apropriamos para dar título a este trabalho, o que está em jogo é a crença de que, por dobrar a esquina, o caminhante que lê inscrições pela cidade pode vir a tornar-se um outro sujeito. A escrita pretende, então, ter o poder de produzir o acidente, seja pela natureza estética propriamente dita daquilo que se revela inesperadamente ao caminhante, seja pela contundência do político que o subtrai de sua condição anterior.

Nas inscrições que elegemos, emerge muito mais o caráter político do que o poético, ainda que haja imbricamentos, ruídos poéticos talvez nem tão intencionais, como na frase “Todo poder ao povo preto”, pichada numa das paredes da Unidade Cimba. Ali, a aliteração produzida pela repetição da consoante oclusiva bilabial surda atua para acentuar o efeito de violência que é enunciada como tema. A questão racial então emerge, ecoando os conflitos e confrontos vividos pelos estudantes negros e também pobres da UFT e isso se expressa tanto no plano do conteúdo como no plano da expressão, seja seu autor tão ciente desses recursos poéticos ou não.

Na Fig. 5, podemos encontrar um outro uso mais poético do verbo, com as anáforas e a enumeração. No caso, emerge uma voz feminina dada pelos adjetivos, substantivo e pronome flexionados no feminino, como ainda uma voz feminista, de quem anuncia que não se deixa possuir pelo outro (o masculino?). Essa voz feminina – que anuncia uma identidade complexa, mas, sobretudo, que grita o direito de ser de si – ecoa em outras vozes feministas. Lembramos aqui duas canções: “1º de julho” e “Pagu”. A primeira, Renato Russo fez para Cássia Eller interpretar: “Sou fera/ Sou bicho/ Sou anjo/ E sou mulher/ Sou minha mãe/ Minha filha/ Minha irmã/ Minha menina/ Mas sou minha/ Só minha/ E não de quem quiser/ Sou Deus, tua Deusa, meu amor”; a segunda, de composição de Rita Lee e Zélia Ducan, interpretada por várias vozes femininas: “Não sou freira, nem sou puta”; “Porque nem toda feiticeira é corcunda”/ “Nem toda brasileira é bunda”/ “Meu peito não é de silicone”/ “Sou mais macho que muito homem”. Para além dos esforços de se caracterizar o feminino com suas “contradições”, sobrepõe o tom “Sou Minha”; “Só minha”.

Fig. 5



Recorte de uma das colunas do espaço de convivência. Inscrição em tinta preta por pincel  
(Foto XXXX, 2017)

A assinatura da pichação é o símbolo do feminino e, por isso mesmo, embora o emprego da primeira pessoa traduza a subjetividade de um eu que enuncia, como se pode ver também nas canções, concorre para embaralhar a unidade, podendo remeter a todas as mulheres, a um “nós”. Podemos dizer por outras palavras que os recursos de antítese, de comparação, de progressão, de referência e repetição dão a esses versos a força do existir de todas as mulheres. São ecos de um discurso de resistência e contra-palavra, na medida em que se apresenta contra o discurso de posse/controlar sobre o corpo feminino. Ao observarmos ainda o atravessamento por outros textos, aqui exemplificado pelas canções de Renato Russo, Rita Lee e Zélia Duncan, verifica-se a reiteração das mesmas figuras e temas, reinventados por essa voz anônima que se inscreve no muro.

São muitas as formas de dizer que atravessam as paredes e se embaralham, algumas vezes até mesmo pelas superposições da escrita produzida com diferentes tintas e em diferentes momentos, como se pode observar na Fig. 6. São ainda múltiplos os autores que disputam o exíguo espaço do suporte “sem dono”, como também parecem não ter dono algumas frases, símbolos e cores. Na Fig. 6, vemos as cores LGBT na figura à esquerda, colorindo o símbolo de mulher, a foice e o martelo do comunismo ao lado dessa imagem, a

célebre frase de Descartes revisitada: “Pixo, logo existo”, no canto superior esquerdo. Do mesmo modo, encontra-se o “Fora Temer”, que se repete em diferentes lugares e ecoa uma voz plural dos que se colocam contra o governo golpista. Pensando em termos de interdiscurso, sobressaem aqui os exemplos de uma heterogeneidade mostrada (AUTHIER-REVUZ, 1998), com as apropriações, a paródia, a repetição.

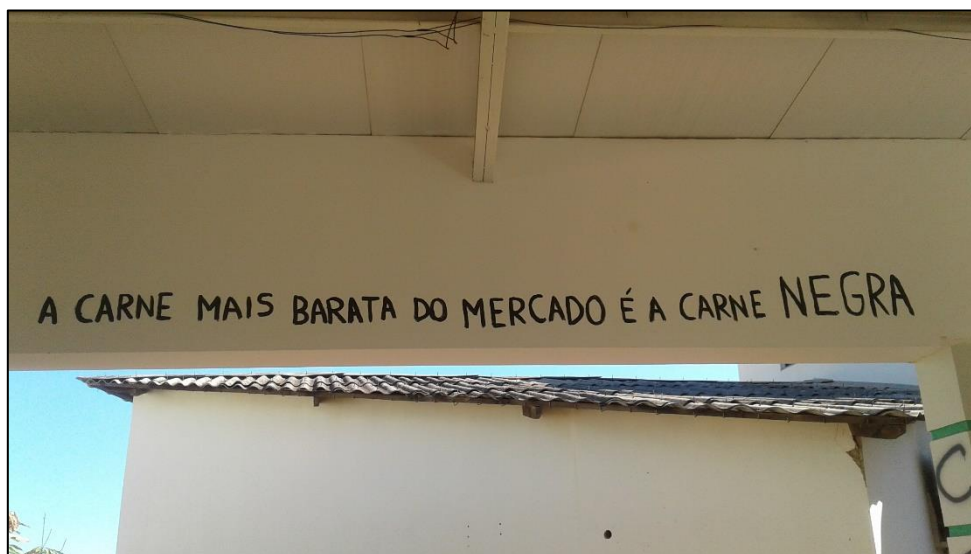
Fig. 6



Pequeno muro que ocupa parte central e coberta de E1, com superposição de escrituras  
(Foto de XXX, 2017)

Das apropriações, citações, roubos, plágios, como conceitua Michel Schneider em “Ladrões de palavras” (1990), destacamos a inscrição registrada na Fig. 7. Em caixa alta e com destaque para “negra”, o verso solto provém da canção “A carne”, de Marcelo Yuka, Ulisses Cappelletti e Seu Jorge, imortalizada na voz de Elza Soares, no álbum “Do Cóccix Até o Pescoço” (2002). Ganhando destaque, encontra-se registrada na coluna horizontal próxima ao teto da parte coberta de E1.

Fig. 7



(Foto de XXX, 2017)

Tomando de empréstimo a palavra alheia, na explícita apropriação, a frase soa sem autoria identificada, como se a perspectiva tradicional de identificação de autor não tivesse razão de ser nesse modo de escritura, como uma palavra de ordem que se repete sem que se saiba onde nasceu sua enunciação. O que interessa, então, é a denúncia feita pelos compositores ou pela voz potente da intérprete negra, ou pelos acadêmicos e acadêmicas também negros da UFT. Exemplifica o modo de resistência em uma sociedade racista que se outorga democrática e livre, e que nasce nas lutas pela abertura de cotas na universidade pública e na chegada recente dos negros no ensino superior do país. Enuncia-se novamente a problemática do corpo, da carnalidade que tem peso e valor no mercado de disputas entre sujeitos que se distinguem pela cor da pele e por diferentes privilégios. A resistência é, assim, a “recusa ao papel de vítima” (BOAVENTURA, 2017), ao papel de destinatário de uma ordem social, pressupondo um sujeito que quer redefinir a performance que o antecede como promessa e coerção.

### Considerações finais

Neste trabalho, tentamos esboçar uma interpretação para uma das manifestações do que denominamos lirismo público ou lirismo urbano. Para isso, circunscrevemos nosso olhar a uma prática de escrita de natureza política, socialmente comprometida, com ruídos de poesia, com um *locus* bem preciso. Acreditamos, contudo, que nosso texto possa apontar para além dessas especificidades contextuais, abrindo-se a uma compreensão mais ampla dos

fenômenos da linguagem, o que inclui podermos pensar o literário deslocado do papel, navegando para a “terceira margem”, para um espaço em que na dobra de uma esquina há no “meio do caminho” um muro pichado. Assim, o fragmento literário espera o encontro feliz de um leitor.

Há muitos aspectos a considerar diante da multiplicidade de escrituras que ocupam os muros das cidades, como intervenções da palavra que resiste como meio de interlocução, mas, sobretudo, de comoção do outro. Escritura fragmentária, reduzida muitas vezes ao âmbito da frase ou da palavra mesma, pode ampliar-se para a mobilização de outras linguagens, na construção da plasticidade, como as produções que foram reduzidas a cinza pela ação do prefeito de São Paulo, João Dória, em 2017. Estamos diante de modos de dizer na contemporaneidade, que se valem do fragmento e da concisão para os que têm pressa de dizer e ler, tendo diante da pouca extensidade a busca da contundência e a intensidade. Pensamos ainda essa escritura como ação em busca de reação, que poderia ser traduzida nos versos do poeta carioca Gentileza: “Gentileza gera gentileza”. Poesia então gera poesia ou estado de poesia; denúncia política gera resistência, ação, luta, transformação do sujeito que passa ou mesmo fica.

Inicialmente, nossas reflexões encaminharam-se para pensar mais amplamente a perspectiva do espaço, a partir de produções da semiótica que visam a compreender modos de significar a relação dos sujeitos com o espaço e de significar os sujeitos mesmos no espaço. Não somos, como assevera Marrone, independentes do aqui no qual transitamos ou ocupamos, ao mesmo tempo em que significamos o não-aqui, o lá, projetado como lugar do outro e cujas impressões podem nos convidar para a visita ou refrear nossos passos:

Não existem espaços autônomos e sujeitos independentes que, em segunda instância, se reúnem mais ou menos casualmente em um determinado ambiente ou situação. Eles se realizam como sujeitos espaciais que, desde o início, se reúnem internamente nos seus corpos e lugares, traduzindo-os uns nos outros e produzindo assim novas formas de subjetividade. (MARRONE, 2015, p. 29)

Como sujeitos espaciais, significamos pelo modo de estar nos lugares e, no caso específico, pelo modo de dizer neles, pela palavra. Fizemos assim um movimento entre o todo e as partes, dedicando-nos inicialmente a compreender o espaço e, em seguida, e a um olhar metonímico que recorta e lê pedaços dessa textualidade maior. É certo que há muito mais a compreender desses gestos de linguagem, mas esboçamos aqui uma tentativa do que nos inquieta e nos comove como sujeitos no mundo.



**Referências**

- AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não coincidências do dizer*. Campinas, Editora da Unicamp, 1998.
- FONTANILLE, J. Territoire: du lieu à la forme de vie. *Actes Sémiotiques*, n. 117, 2014.
- GREIMAS, A. J. *Da imperfeição*. São Paulo: Hacker, 2002.
- IVO, L. *Poesia completa 1940–2004*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.
- LANDOWSKI, E. Regimes de espaço. *Galáxia*, São Paulo, n. 29, p. 10-27, jun. 2015.
- \_\_\_\_\_. *As interações arriscadas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, CPS, 2014.
- MANGUEL, A. *O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça*. São Paulo: SESC, 2017.
- MARRONE, G. Semiótica da cidade: corpos, espaços, tecnologias. *Galáxia* (São Paulo, Online), n. 29, p. 28-43, jun. 2015.
- SANTOS, B. S. *Boaventura reexamina as formas de luta*. Disponível em: <http://outraspalavras.net/capa/boaventura-reexamina-as-formas-de-luta/>. Acesso em 30 set. 17.
- SCHNEIDER, M. *Ladrões de palavras: ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- SILVA, L. H. O.; MELO, M. A. O que pode o leitor? *Entreletras*, v. 6, n. 2, p. 120-132, jul/dez. 2015.
- SILVA, L. H. O. Não vejo o mundo com seus olhos: inquietações sobre a leitura e literatura na perspectiva da semiótica didática. In: BRITO, A. R.; SILVA, L. H. O.; SOARES, E. P. M. (Org.). *Divulgando conhecimentos de linguagem: pesquisas em língua e literatura no Ensino Fundamental*. Rio Branco: NEPAN, 2017, p. 195-211.

**SOBRE A AUTORA E O AUTOR****Luíza Helena Oliveira da Silva**

É mestre e doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense, membro do GT de Semiótica da ANPOLL. Em 2013/2014, realizou estágio pós-doutoral em sociosemiótica no Centre de Recherches Politiques (CEVIPOF-CNRS) com bolsa CAPES. Desde 2005, é docente da Universidade Federal do Tocantins, câmpus de Araguaína, onde atua nos cursos de Licenciatura em Letras, Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (ProfLetras), Programa de Pós Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura (PPGL) e Programa de Pós-graduação Cultura e Território (PPGCult). Tem experiência como docente na área de Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: semiótica discursiva aplicada ao ensino de língua e literatura, gêneros digitais, memória e formação de professores, espaço. Integra o grupo de pesquisa SEDI (Semiótica e Discurso), da UFF, e coordena o GESTO (Grupo de Estudos do Sentido ? Tocantins), na UFT. Publica regularmente em revistas científicas, tendo organizado em parceria com outros pesquisadores os livros "Ensino de língua e literatura: pesquisas na pós-graduação" (EDUFT, 2014) e "Como fazer relatórios de pesquisa: investigações sobre ensino e formação de professor de língua materna" (Mercado de Letras, 2010) e duas coletâneas de trabalhos do ProfLetras (2017). Escreve ainda crônicas e poemas, divulgados em coletâneas e portais da Internet. Em 2016, publicou pela EdUFT, o livro de poemas Solau do Mal de Amor. Desde 2015, atua como coordenadora do ProfLetras/UFT. Atualmente, integra o Conselho Gestor do Profletras, como coordenadora adjunta. Atua como editora-chefe da Revista EntreLetras (PPGL/UFT) a partir de setembro de 2016. É membro do Comitê Institucional de Pesquisa da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL) e integra a Rede de Pesquisa ENTREMEIO. Atuou como membro da diretoria do GELLNORTE (Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Norte) no biênio 2017-2019.

**Endereço para acessar este CV:** <http://lattes.cnpq.br/5064863441344644>

**Márcio Araújo de Melo**

Possui graduação em Letras - Habilitação Português pela Universidade Federal de Goiás (1993), mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (1997) e doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (2006). Atualmente é professor adjunto ii da Universidade Federal do Tocantins. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras: ensino de língua e literatura. Professor do ProfLetras Membro do GT/Anpoll Literatura e ensino. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino, ensino de literatura, formação de leitores, literatura brasileira e literatura.

**Endereço para acessar este CV:** <http://lattes.cnpq.br/8573022714268801>

**Recebido em outubro de 2019.  
Aceito para publicação em dezembro de 2019.  
Publicado em março de 2020.**